

Sobre o discernimento comum (síntese)

Pe. Arturo Sosa SJ

Superior Geral da Companhia de Jesus

O Papa Francisco algumas vezes insistiu na importância do **discernimento espiritual** para toda a Igreja. Em especial solicitou à Companhia de Jesus que contribuísse para a difusão do discernimento na vida eclesial. Dentro deste horizonte percebemos que recorrer normalmente ao discernimento espiritual como o instrumento para buscar e encontrar a vontade de Deus em todas as dimensões de nossa vida-missão trará, conseqüentemente, uma revitalização de nossa missão-vida, além de um aumento em nossa capacidade de servir à Igreja em nossos tempos atuais.

O **discernimento** é uma rica herança dos Exercícios Espirituais, especialmente útil no momento em que se fazem as **eleições** que nossa vida e missão exigem. O discernimento e a boa eleição requerem que o grupo esteja plenamente livre dos apegos e afetos desordenados; deste modo poderá pôr-se completamente nas mãos do Senhor.

A prática do discernimento em comum

A convicção de que Deus age na história e se comunica com os seres humanos, é o pressuposto dos esforços para discernir em comum. Para isto é necessário buscar as **condições** que permitem ouvir o Espírito Santo, deixando-se guiar por Ele na vida-missão. Tal disposição, pessoal e em grupo, para acolher e seguir o Espírito Santo que se nos comunica, evita os falsos discernimentos em comum. Tais falsos discernimentos em comum apenas se mascaram por detrás da correta linguagem inaciana para encobrir decisões já previamente tomadas pelos critérios do próprio grupo.

Com a intenção de contribuir para o crescimento desta dimensão de nossa vida, sem pretender substituir outros bons subsídios e excelentes estudos sobre o tema, vou me referir às **principais propriedades do discernimento em comum**. São propriedades presentes, em graus diversos, conforme as circunstâncias em que se realiza a experiência. Sua enumeração não pretende determinar etapas ou passos a seguir, mas sim indicar o que caracteriza um discernimento em comum a partir de suas propriedades. Às vezes todas as propriedades estarão presentes; pode ser que não se apresentem da mesma forma em cada caso. Segundo o critério inaciano, o discernimento em comum leva em consideração as **pessoas, os tempos e lugares**.

Um bom discernimento em comum requer:

1. Escolher bem a matéria. Nem todas as decisões requerem um discernimento em comum. O discernimento em comum é para **buscar e encontrar a vontade de Deus** em assuntos importantes, nos quais não está totalmente claro o que deve ser feito, como deve ser feito, o que seja melhor ou como fazê-lo da melhor forma possível. Por conseguinte, é crucial saber escolher o **assunto** ou os assuntos que requerem uma **eleição** através do discernimento em comum.

Ao mesmo tempo, deve-se ter em mãos a **informação** completa, de qualidade, sobre a matéria a tratar, posta, simultaneamente, ao alcance de todos. O bom discernimento depende do **conhecimento preciso da matéria** sobre a qual se quer fazer eleição. Depende também de qual seja o resultado esperado neste caminho tão exigente como complexo. Deste modo se evita a banalização de chamar “discernimento” todo e qualquer modo de justificar decisões, pequenas ou grandes.

2) Saber quais são as pessoas que participam, e por qual motivo participam. É preciso deixar bem claro quais pessoas participam do processo do discernimento, *por quê* e *em qual* condição o fazem. É a matéria da **eleição** que vai determinar quem pode ser convidado para dela participar. Isto significa que cada participante deve saber com exatidão – e aceitá-lo livremente – o motivo pelo qual faz parte do grupo, assim também em quais condições o fará. Dependendo do grupo, da matéria e de outras condições em que se realiza o discernimento, pode ser conveniente e prudente convidar outras pessoas qualificadas como acompanhantes do processo ou peritos no assunto a ser tratado.

3) Liberdade interior, ou *indiferença inaciana*, é uma condição sem a qual não é possível fazer uma boa eleição. Os que participarem num discernimento devem cultivar sua **liberdade interior**, isto é, seu desapego ao próprio parecer para assumir o bem melhor, sob a perspectiva evangélica. A indiferença é fruto de uma

vida espiritual autêntica, para a qual a vida e missão são inseparáveis. Também os que compartilham somente a missão, e não a fé cristã, precisam adquirir esta liberdade interior, que supõe *“sair de seu próprio amor, querer e interesse”*. Tal liberdade interior é uma possibilidade humana para crescer como pessoas em relação gratuita com os demais, buscando o bem de todos, mesmo que isto traga como consequência renúncias ou sacrifícios pessoais.

4. União de ânimos. O discernimento em comum requer o que Santo Inácio de Loyola chama de *união dos ânimos* do grupo que discerne, porque se propõe livremente a fazer uma **eleição** segundo a vontade de Deus. Esta união dos ânimos nasce de um propósito compartilhado por todos do grupo, porque a todos e a cada um, o que está em jogo no discernimento os afeta diretamente. Por isso, é necessário o conhecimento mútuo do qual brote a confiança de uns nos outros, motivando a participação ativa de cada um.

5) Conhecimento de como se discerne. S. Inácio, nos Exercícios, apresenta **três tempos** para uma sã e boa eleição. No **primeiro tempo** não resta dúvida sobre qual seja a vontade de Deus. No **segundo tempo** o discernimento em comum pode ser feito tendo consciência das **moções espirituais** e sua confirmação. No **terceiro tempo**, o discernimento se dá raciocinando ou escolhendo o que se apresenta como seu objeto.

Para um grupo de pessoas experientes no discernimento dos espíritos é possível recorrer ao discernimento em comum como processo durante o qual é necessário perceber e qualificar as **moções** que os espíritos provocam no grupo em sua busca da vontade de Deus. A capacidade do grupo de realizar esta “discrição dos espíritos” é, então, uma condição para poder passar ao segundo tempo da eleição. Por meio da discrição dos espíritos é possível tomar consciência do rumo que a vida do grupo tomaria conforme siga este ou aquele movimento do espírito em obediência às moções do bom espírito.

Em linguagem inaciana, as moções mais relevantes para o discernimento se chamam **consolação e desolação**. *“Porque assim como na consolação nos guia e aconselha mais o bom espírito, assim na desolação nos guia e aconselha o mau, cujos conselhos não podemos tomar para acertar”* (EE).

As **moções espirituais** não são estados de ânimo. São efeitos sensíveis dos espíritos que tratam de mover a vontade das pessoas numa ou outra direção. Portanto **consolação** ou **desolação** não são sinônimos de estar contente ou triste, sentir-se bem ou mal, com gosto ou desgosto, de estar ou não de acordo com a ideia ou posição de outro. A oração de Jesus no Horto das Oliveiras, antes da Paixão pode ser uma boa ajuda para distinguir “moções” dos “estados de ânimo”.

As **moções** apelam à liberdade de escolha. Jesus, sentindo tristeza e angústia, **elege** seguir a vontade do Pai. As moções do bom Espírito induzem a um crescimento na fé, na esperança e na caridade. A paz interior profunda é o sinal da sintonia com o Espírito Santo, fruto do discernimento. Esta paz interior, sentida também em situações de sofrimento indesejável, é o sinal de ter **encontrado** a vontade de Deus. É a confirmação de ter sintonizado com o Espírito, confirmação percebida pela **alegria** do Evangelho, vivida no interior de cada pessoa e sentida como grupo que discerne em comum.

As condições vividas pelas pessoas que integram o grupo que discerne, pode ser mais aconselhável recorrer às **razões**, ou à ponderação, sobre as vantagens (prós) ou desvantagens (contras), em vista do maior e melhor serviço da glória de Deus ao fazer uma determinada eleição. A condição de acerto, neste caso, é a capacidade do grupo em usar de seu entendimento lucidamente, para perceber qual é o maior bem em vista dos valores do Reino, e oferecer ao Senhor a decisão tomada, para que seja confirmada.

6) Pôr em comum a oração é outro requisito para um bom discernimento. O grupo que se propõe a discernir em comum deve encontrar os modos e espaços par **orar** pessoalmente e em comum, de acordo com suas características. A oração pessoal e a oração em comum mantêm a sã tensão entre o céu e a terra, buscando o **magis** que deriva de nossa relação com Deus e com sua Palavra. Ajuda-nos a ter presente a realidade de que, **como corpo** somos servidores da **“missio Dei”**. É a Eucaristia o modo privilegiado da oração em comum. Adquire, portanto, um significado especial, e assume o lugar central nos processos de discernimento em comum. Uma comunidade ou um grupo capaz de celebrar a Eucaristia como fonte da vida no Espírito cresce em sua capacidade de perceber a ação do mesmo Espírito na história e de sentir como o Senhor cumpre sua palavra, a de que estaria conosco todos os dias, até o fim da história.

7) O diálogo espiritual caracteriza o discernimento em comum. Como faz a Congregação Geral 36^a, recomenda-se vivamente fortalecer nossa capacidade de conversar espiritualmente.

“Um instrumento essencial que deve animar o discernimento comunitário é a conversação espiritual. Por conversação espiritual entendemos um intercâmbio caracterizado tanto pela escuta ativa e receptiva, como a expressão do que nos toca mais profundamente; ela pretende levar em consideração os movimentos espirituais, individuais e comunitários, a fim de escolher o caminho da consolação que fortifica a fé, a esperança e a caridade. A conversação espiritual cria um ambiente de confiança e de abertura entre nós e com os outros. Não devemos nos privar deste tipo de conversação em comunidade, nem nas outras situações nas quais se deve tomar uma decisão comunitária”

O discernimento em comum inclui um espaço de tempo dedicado a **compartilhar** o fruto da oração ou da reflexão pessoal. É o momento para apresentar aos outros, com simplicidade, sem tom oratório, o que se percebeu como movimento do Espírito, ou da ponderação pessoal sobre o ponto em questão. Por outro lado, a disposição de “ouvir o outro”, respeitosamente, sem contradizer as moções espirituais que captou em seu interior, pode produzir um eco espiritual ou novas moções espirituais em quem o escuta, dando ocasião a uma nova percepção das coisas. O costume de conversar espiritualmente, o hábito de escutar com atenção os outros, e saber comunicar a própria experiência e ideias com simplicidade e clareza, ajudam o bom discernimento em comum, quando a matéria orienta como chegar a ele.

Participar de uma conversação espiritual não é a mesma coisa que uma discussão gerencial, na qual se procura tomar a decisão mais razoável segundo a lógica administrativa. Difere também de uma discussão parlamentar em que se está atento ao jogo entre maioria, minorias, alianças etc., em função de interesses individuais ou grupais, servindo-se da capacidade oratória ou de outras “técnicas” parlamentares. Tais espaços têm em comum com o discernimento a necessidade de oferecer informação de qualidade sobre os assuntos a decidir e a capacidade de argumentar racionalmente. O discernimento precisa delas, mas aí não se esgota.

O discernimento se atém, em última instância, às **moções espirituais** ou, quando sobre elas não há clareza, ao que razoavelmente pode gerar maior amor e serviço para a glória de Deus, buscando sempre a confirmação que vem do alto.

8. Prática sistemática do exame durante o processo de discernimento em comum é a característica que permite passar do **buscar** ao **encontrar** a vontade de Deus. O **exame** nos ajuda a perceber a verdadeira natureza das moções; ajuda também a nos confirmar quando seguimos o bom caminho. É necessário combinar o **exame** pessoal de cada participante com o **exame** do que acontece em grupo.

Aprender a examinar os movimentos grupais é o que permite tomar o pulso do processo ou confirmá-lo, para saber se é assim que deve seguir adiante, e como seguir adiante, guiados pelo Espírito. O registro constante dos movimentos do grupo refletidos no **exame** é um instrumento que ajuda a manter a memória do processo. Tal como aprendemos a perceber nossos movimentos interiores, o discernimento em comum exige de nós desenvolver a capacidade de perceber e interpretar os movimentos espirituais do grupo, isto é, do grupo em atitude de escuta do Espírito para encontrar a vontade de Deus.

9) Estabelecer como se toma a decisão final do processo de discernimento em comum é uma característica que precisa ser estabelecida com clareza e precisão, a partir do próprio início do processo. Os que dele participam devem saber, e concordar, desde o começo, quanto à maneira pela qual se chegará à decisão final.

X.X.X.X.X.X.X.